

ANALYSE ET COMMENTAIRE DE TEXTES OU DOCUMENTS EN PORTUGAIS

Durée : 6 heures

Analysez et commentez, en portugais, les documents suivants:

Document n° 1

Um povo indefinido entre a Europa e a África

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requeime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao Cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África.

Corrigindo até certo ponto tão grande influência do clima amolecedor, atuaram sobre o caráter português, entesando-o, as condições sempre tensas e vibráteis de contato humano entre a Europa e a África; o constante estado de guerra (que entretanto nunca excluiu a miscigenação nem a atração sexual entre as duas raças, muito menos o intercuro entre as duas culturas); a atividade guerreira, que se compensava do intenso esforço militar relaxando-se, após a vitória, sobre o trabalho agrícola e industrial dos cativos de guerra, sobre a escravidão ou a semi-escravidão dos vencidos. Hegemonias e subserviências essas que não se perpetuavam; revezavam-se tal como no incidente dos sinos de Santiago de Compostela. Os quais teriam sido mandados levar pelos mouros à mesquita de Córdoba às costas dos cristãos e por estes séculos mais tarde, mandados reconduzir à Galiza às costas dos mouros.

Quanto ao fundo considerado autóctone de população tão movediça, uma persistente massa de dólicos morenos, cuja cor a África árabe e mesmo negra, alagando de gente sua largos trechos da Península, mais de uma vez veio avivar de pardo ou de preto. Era como se os sentisse intimamente seus por afinidades remotas apenas empalidecidas; e não os quisesse desvanecidos sob as camadas sobrepostas de nórdicos nem transmudados pela sucessão de culturas europeizantes. Toda a invasão de celtas, germanos, romanos, normandos — o anglo-escandinavo, o *H. Europaeus* L., o feudalismo, o Cristianismo, o Direito Romano, a monogamia. Que tudo isso sofreu restrição ou refração num Portugal influenciado pela África, condicionado pelo clima africano, solapado pela mística sensual do Islamismo.

Tournez la page S.V.P.

“Em vão se procuraria um tipo físico unificado”, notava há anos em Portugal o Conde Hermann de Keyserling. O que ele observou foram elementos os mais diversos e mais opostos, “figuras com ar escandinavo e negróides”, vivendo no que lhe pareceu “união profunda”. “A raça tem aqui papel decisivo”, concluiu o arguto observador. E já da sociedade moçárabe escrevera Alexandre Herculano: “População indecisa no meio dos dois bandos contendores [nazarenos e maometanos], meia cristã, meia sarracena, e que em ambos contava parentes, amigos, simpatias de crenças ou de costumes”.

Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*,
Rio de Janeiro, José Olympio,
23a ed., 1984 [1933¹], pp. 5-6.

Document n° 2

Um verdadeiro mito de Estado

Na representação vitoriosa dos anos 30, o mestiço transformou-se em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé e no futebol. Redenção verbal que não se concretiza no cotidiano, a valorização do nacional é acima de tudo uma retórica que não tem contrapartida na valorização das populações mestiças discriminadas. Nesses termos, entre o veneno e a solução, de descoberta a detração e depois exaltação, tal forma extremada e pretensamente harmoniosa de convivência entre os grupos foi, aos poucos, sendo gestada como um verdadeiro mito de Estado, em especial a partir dos anos 30, quando a propalada idéia de uma “democracia racial” formulada de modo exemplar na obra de Gilberto Freyre, foi exaltada de maneira a se menosprezar as diferenças diante de um cruzamento racial singular. Assim comparado ao período anterior, quando miscigenação significava no máximo uma aposta no branqueamento, esse contexto destaca-se na valorização diversa dada à mistura, sobretudo cultural, que repercute em momentos futuros.

Nas tantas expressões que insistem em usar a noção—“esse é um sujeito de raça”, “eta sujeito raçudo”... nas piadas que fazem rir da cor, nos ditos que caçoam, na quantidade de termos, revelam-se indícios de como a questão racial se vincula de forma imediata ao tema da identidade; de uma identidade que desde a época da colonização foi marcada pela “falta”. Nem bem colonos, nem bem colonizados; nem portugueses, nem escravos; desde os primeiros momentos de país independente uma questão pareceu acompanhar os debates locais: “Afinal o que faz do Brasil, Brasil?”. A partir de então, muitos daqueles que se propuseram a definir uma “especificidade nacional” selecionaram a “conformação racial” encontrada no país, destacando a particularidade da miscigenação.

Lilia Moritz Schwarz
“Nem preto nem branco, muito pelo contrário :
cor e raça na intimidade”
in F. Novais, *História da vida privada no Brasil*, vol.4,
São Paulo, Companhia das Letras, 2000,p.178.

Document n° 3

Reflexões de uma mulher negra

Contra a violência da discriminação não há vacina, e a gente não se acostuma nunca, dizia Thereza Santos.

No tempo em que eu trabalhava na Secretaria da Segurança Pública, ouvi muitas histórias de Thereza. Eram queixas exasperadas, indignadas e reiteradas. Onde é que andava a Justiça? Quem iria tomar providências?

Certa vez, saindo de um baile no Clube Pinheiros, às duas horas da manhã, foi abordada por policiais civis. “Ó crioula, pára aí”. Pediram documentos, carteira de trabalho. Thereza, na época, era artista de televisão. “É artista? Então canta!” Thereza muda. “Não sabe? Então dança!” Thereza indignada. “Então sobe no camburão que nós vamos para o distrito”. Ela foi por conta própria. Na delegacia, foi apresentada ao delegado de plantão: “Encontrei essa aí rodando bolsinha na boca-do-lixo...”

Thereza é socióloga, assessora de cultura afrobrasileira na Secretaria da Cultura de São Paulo. Luta contra o preconceito desde que se conhece por gente. Segundo suas estimativas, já foi abordada por policiais nas ruas da Capital mais de 50 vezes, só pelo fato de ser negra.

Outra ocasião, foi por causa de um assalto a banco. Um dos assaltantes era negro. A polícia parou Thereza. Mas... que diabo! O que é que ela tinha a ver com isso? O procurado era homem!

“Não se reconhece, na prática, a cidadania dos negros”, dizia Thereza. “Sou diariamente discriminada e só queria ter uma vida normal. Já viu uma negra em loja? Ninguém vem atender. Se insistir, mandam o segurança revistar. Se conseguir comprar alguma coisa, o caixa não aceita o cheque. Negros são suspeitos por princípio. Até os policiais negros rezam por essa cartilha”.

Thereza experimentou ir para a África. Passou cinco anos lá. Não suportou a violência de negros contra brancos e vice-versa. Voltou. Afinal, é brasileira. Mas será que não dá para ser normal no Brasil?

Como liderança do movimento negro, candidatou-se a deputada estadual. “Lugar de negra é na cozinha da madame”, ouvia. Estigma da empregada doméstica, da prostituta.

É tanta discriminação (hotéis, restaurantes, clubes) que o estado de espírito fica alterado. Passa-se a antecipar a atitude racista em todas as situações. Mesmo entre amigas, colegas de trabalho. Um dia, alguém acaba dizendo alguma coisa que revela o preconceito oculto.

Thereza, mulher inteligente, pensou em comprar uma arma. Atirar no próximo que a agredisse. Se matar, quem sabe?

As reclamações que Thereza levava à Secretaria da Segurança, não eram só sobre fatos ocorridos com ela. Muitas vezes, eram discriminações a outros membros da comunidade. Gente de bem, dizia ela, mas a polícia não deixa em paz.

Crianças negras são mortas. Mulheres negras são esterilizadas impunemente!

Por que a sociedade não se incomoda com isso?

Jaime Pinski, Luísa Nagib Eluf,
Brasileiro (a) é assim mesmo, Cidadania e preconceito,
São Paulo, Contexto, 1993, pp. 102-103.